

# Prefácio

Wilson Trajano Filho  
Universidade de Brasília

Ao reler o livro de Sara Santos Morais chamado de *O Palco e o Mato: o lugar das timbila no projeto de construção da nação em Moçambique* fico positivamente impactado pela riqueza da análise sobre o fenômeno das timbilas e o lugar que elas ocupam nos projetos elaborados por instituições do estado moçambicano (e de atores-chaves da sociedade moçambicana) visando à criação de uma trama minimamente coerente e de um enredo que tratam da construção da nação no imenso país do sudeste africano, que se tornou tardiamente independente em 1975. Eu fui o orientador da tese de mesmo nome da autora, defendida em 2020. Nessa condição, pude ler mais de uma vez várias versões do material que veio a se constituir no texto que agora, ligeiramente alterado, toma a forma de um livro. Em mais de um momento durante o processo de confecção do texto-tese, eu pude pressentir que tinha perante meus olhos um trabalho muito acima do vulgar de sua espécie, uma análise que punha sob uma nova luz uma dimensão importante da vida social contemporânea da sociedade moçambicana e que representava também uma contribuição verdadeiramente original para alguns ramos de nossa disciplina, a saber os estudos antropológicos da construção nacional e os dos processos de patrimonialização dos artefatos culturais. Passados quatro anos da defesa da tese, beneficiado pela distância que sempre clareia as ideias e pelas ligeiras modificações feitas pela autora, a leitura de agora só vem confirmar a qualidade do texto e o refinamento da análise.

As premiações são uma das formas que as instituições acadêmicas urdem para atribuir distinção diferenciada e reconhecer o valimento dos trabalhos e dos autores. Reconhecendo a força que têm essas honrarias em proclamar o mérito e a excelência de uma obra, recordo que *O Palco e o Mato* ganhou a edição de 2021 do Prêmio Fernão Mendes Pinto da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, uma façanha digna de nota.

O livro de Sara versa sobre esses interessantes xilofones que, congregados como uma orquestra e um corpo de baile, tornaram-se conhecidos desde os anos 1940 por fazerem uma música de excepcional qualidade e por criarem uma sonoridade singular. De maneira bastante inusitada a “música das timbilas”, que era originalmente vinculada à etnia chope (uma das dezenas de etnias que povoam o estado de Moçambique), passa agora a ter uma ligação profunda com a nação moçambicana como um todo. Nesse trabalho, Sara mostra de modo incontestado como o pensamento de agentes-chaves da política cultural do país acionaram uma lógica metonímica pela qual o vínculo associado à parte (“a música das timbilas” e os chopos) se torna um vínculo primordial associado ao todo (as timbilas e o estado nacional moçambicano). Aplicando essa lógica metonímica em centenas de circunstâncias empíricas em escala local, nacional e internacional (festivais de cultura, documentários, programas de televisão, reuniões com agências internacionais etc.) e conferindo a ela a autoridade de quem fala em nome do Estado (agentes públicos ligados ao setor da Cultura, governadores e outras autoridades locais, chefes tradicionais, representantes políticos do poder legislativo e executivo), esses ideólogos práticos tiveram um êxito extraordinário em tornar as timbilas (sua música, lírica e dança) um atributo que caracteriza todo o povo moçambicano, sendo diferenciadamente compartilhado por toda a gente e em todos os cantos do país.

A análise feita em *O palco e o Mato* é de grande complexidade. Baseada em dados colhidos durante um longo trabalho de campo, ela sugere que esse intrincado processo que leva os moçambicanos a ir da parte ao todo é um processo de transformação da própria substância do vínculo. Enquanto estava associada aos chopos, a “música das timbilas” era basicamente uma forma musical suplementada por danças e por uma lírica que lhe eram características. O etnomusicólogo Hugh Tracey, que tornou as timbilas conhecidas fora do mundo dos chopos e de suas adjacências imediatas, nos ensinou que elas eram instrumentos musicais idiofones que produziam uma música característica. De forma inusitada, a pesquisa que imortalizou a música dos chopos moçambicanos foi, em grande parte, conduzida nos complexos residenciais existentes ao longo das minas próximas a Joanesburgo, na África do Sul, onde Tracey detectou a existência de cerca de 50 orquestras de timbila.

A primeira camada de singularidade aqui se encontra no fato do atributo distintivo dos chopos se encontrar fora do mundo chope. A seguir, segue a deriva metonímica da parte representar o todo, do que era chope passar a ser moçambicano. E olha que esse é um movimento que não deve ser subestimado, pois, nesse caso, a parte é a antítese do todo. A tribo e tudo mais que representa o local e particular se opõe agora à totalidade e à generalidade da nação.

Foi sugerido, no entanto, que o caso analisado em *O Palco e o Mato* realiza uma transformação da substância do vínculo. Vejamos: o que temos aqui não é só fato de que as timbilas, que eram o traço distintivo dos chopos, passou a ser, após a independência de Moçambique, um símbolo da nação, mas o fato de que as timbilas não se reduzem à “música das timbilas”. Sara vai usar ao longo do livro o termo *timbila* vindo diretamente do idioma chope, sem a flexão para o plural que usamos no Brasil, para designar algo novo. Timbila, ao longo de todo o livro, é mais do que uma espécie de xilofone, construído com madeira da árvore *mwenje*. Ela é um símbolo da nação moçambicana, um símbolo muito bem adaptado ao uso que dele se faz por gente diferente, em períodos distintos, com propósitos diversos. Condenada ao desaparecimento em vista dos movimentos do campo para as cidades, da chegada de novas formas de sociabilidade e dos novos meios de comunicação de massa, a timbila mostrou ter grande vitalidade. Sobreviveu ao “fim dos regulados”, à morte dos grandes compositores, dos renomados construtores, ao desinteresse dos jovens de hoje, à falta de apoio das instituições estatais do setor da cultura e, até mesmo, ao apoio da Frelimo: à sua apropriação pelos formuladores das políticas culturais e pelos ideólogos do Partido. Ela não é só um instrumento e um estilo de música ou uma forma de dança. Além de ter uma forma material, ela é um símbolo autêntico da nação. E, como tudo que é autêntico, torna-se uma logomarca transacionada nacional e internacionalmente. É uma ideia veiculada em canções, presente nos currículos dos cursos de música, nos discursos oficiais e nos festivais voltados para a celebração da cultura nacional. Como logomarca, ela se consolidou com a sua proclamação pela UNESCO como Obra-Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade em 2005. Dessa forma, entendê-la somente como forma musical ou de dança é perder um naco expressivo de seu sig-

nificado. O que se vincula ao todo da nação moçambicana é esse pacote complexo constituído de ideias, valores, formas materiais e artísticas bem como práticas específicas e cambiantes ao longo do tempo.

Ao revelar essa dimensão até então ofuscada do entendimento sobre as *timbila* da atualidade, Sara no oferece uma análise muito rica dos processos de formulação e implementação de políticas públicas voltadas para os processos de construção nacional nos países jovens. Em vez de adotar uma abordagem *top-down* para compreender a formulação dessas políticas e para localizar os principais atores desse processo, uma abordagem de natureza basicamente institucional e frequentemente de cunho oficioso, a autora opta por uma etnografia sem uma única âncora local. Ela nos conduz através da documentação arquivística, das matérias jornalísticas, das interações com diferentes atores envolvidos com as *timbilas* e com os eventos em que elas se fazem presentes e de sua participação em algumas dessas atividades, e nos revela uma paisagem muito rica onde se desenvolve o processo ainda em andamento que faz delas um poderoso símbolo da nação.

Dentre as políticas públicas elaboradas para tornar as *timbilas* um símbolo nacional com elevado potencial mobilizador, a mais grandiosa foi a candidatura exitosa ao diploma da UNESCO de Obra Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Encontramos em *O Palco e o Mato* uma primorosa análise do processo de patrimonialização das *timbilas*, que representa uma verdadeira etnografia das instituições sem o viés institucional tão comum a esses tipos de trabalhos. Analisando material dos arquivos e da imprensa diária, conversando com os principais atores envolvidos nessa candidatura por parte do governo moçambicano, bem como reconstruindo as memórias das gentes envolvidas com elas durante todo o longo processo de patrimonialização, fazendo os enredados caminhos (de ida e volta) que vão de Maputo aos vilarejos e cidades do interior do país, bem como desses para a capital, Sara construiu um belo livro que nos informa de modo descomplicado sobre coisas complexas como a nação e seus símbolos, sobre as ideias de autenticidade e valor dos bens culturais em processo de se tornar patrimônio de um lugar, um país e de toda a humanidade.